

Banqueiro propõe depósito das reservas do País nas agências do exterior

por Celso Pinto
de Londres

Se o Brasil tem mais de US\$ 8,5 bilhões em reservas, e os bancos brasileiros no exterior precisam de US\$ 6,5 bilhões para sobreviverem, por que não depositar as reservas nestes bancos e resolver de vez o problema?

A resposta pode parecer estranha, mas o fato, disse um executivo de um grande banco brasileiro a este jornal, é que o Banco Central (BC) não confia em risco brasileiro. As reservas do País têm de ser aplicadas apenas em papéis e instituições seguras de primeira linha.

Os bancos brasileiros precisam levantar recursos no mercado interbancário (Projeto 4) para lastrear sua carteira de empréstimos de longo prazo, concentrada em ativos brasileiros. Os bancos credores, teoricamente, estão comprometidos pelos acordos da dívida a manter estas linhas. Na prática, vários bancos se livraram delas recentemente e as que foram mantidas se tornaram caras e de curtíssimo prazo (30 dias em muitos casos).

Os bancos brasileiros querem se livrar desta vulnerabilidade e o Brasil tem todo o interesse em retirar dos bancos credores esta arma de pressão. Uma solução aparentemente simples e lógica seria o BC aplicar o dinheiro das reservas cambiais do País (ou boa parte dele) nas agências de bancos brasileiros no exterior.

Desde a moratória de meados de 1989, pelo que se sabe, as reservas brasileiras saíram das contas dos principais bancos internacionais e foram para lugares mais seguros. Uma grande parte, supostamente, está depositada no Banco para Compensações Internacionais (BIS na sigla em inglês), uma espécie de banco central de bancos centrais. Lá, o dinheiro não pode ser apropriado por um credor mais irritado com a moratória brasileira. Em contrapartida, a remuneração é baixíssima, inferior à taxa básica interbancária de Londres (a "Libor").

BANCO DO BRASIL

O banco brasileiro com maior poder de barganha no mercado internacional, o Banco do Brasil, (BB), paga Libor mais 1% pelas linhas interbancárias que capta. Bancos Brasileiros privados de menor porte pagando muito mais do que isso. "Se o BC colocasse suas reservas conosco, nós pagaríamos com prazer o que pagamos para os bancos internacionais". Sugere um banqueiro.

A alternativa de aplicar as reservas em bancos brasileiros, pelo que já disseram autoridades brasileiras, poderá até vir a ser usada, se a negociação com os bancos internacionais se complicar e colocar em risco a sobrevivência das agências brasileiras. Não se imagina, contudo, segundo este banqueiro, usar esta hipótese como alternativa para resolver o problema do Projeto 4.

O principal credor do Brasil e de longe, o banco brasileiro que mais precisa de recursos no mercado é o Banco do Brasil. Pelo menos neste caso, o risco que o BC correria aplicando as reservas seria a falência do País — ou seja, a bancarrota do próprio BC.

O segundo banco que mais precisa do Projeto 4 é o Banespa. Também neste caso trata-se de um banco oficial, mas estadual. O risco de falência de um banco estadual existe, como se constatou nos últimos meses, embora no caso de São Paulo seja irrisório. Abaixo do Banespa entram vários bancos privados, sendo o Real e o Itaú os maiores em ativos brasileiros.

SITUAÇÃO DELICADA

Na verdade, a decisão de colocar as reservas em bancos brasileiros, com exceção do BB, envolveria alguns aspectos delicados. Nenhum grande banco privado brasileiro enfrenta hoje riscos de quebra, mas se, numa situação imaginária, o BC, que é o órgão regulador dos bancos, constasse uma forte deterioração da situação de um dado banco com agência no exterior, o que deveria fazer?

A preservação das reservas, que são um bem do País, indicaria a necessidade de retirar o dinheiro do banco. Esse gesto, contudo, poderia acabar precipitando a bancarrota do banco e o BC poderia vir a ser usado de ser acusado o agente da falência. Qualquer discriminação em favor ou contra um certo banco privado poderia gerar acusações e suspeitas. O simples fato de ajudar, de alguma forma, um banco estadual (por exemplo, mantendo reservas no Banespa) poderia, por sua vez, dar margem a acusações políticas de favorecimento e tratamento discriminatório em relação aos bancos estaduais que foram liquidados.

Em outros termos, a decisão de colocar ou não as reservas do País nos bancos brasileiros no exterior envolve questões mais complicadas do que a lógica mais simples sugerida. Pode ser, no máximo, uma solução emergencial, pelo que indicam as evidências.